

## **CIRCUITO INFERIOR DA ECONOMIA URBANA: O CONTEXTO DAS FEIRAS LIVRES DE ITAPETINGA (BA) E ARREDORES**

Angelo Szaniecki Perret Serpa<sup>1</sup> - angserpa@ufba.br

Gil Carlos Silveira Porto<sup>2</sup> - porto.gil@gmail.com

Desde a sua origem, a Geografia, enquanto ciência, esteve voltada para a descrição e discussão do espaço terrestre. Com aumento da exploração da natureza pelo homem, ora para atender as suas necessidades, ora para atender às do modo de produção capitalista, essa ciência tem, ao longo das últimas décadas, explicado, de forma crítica, a maneira como a relação homem-meio tem sido construída no ato de apropriação e de produção do espaço. Esse “uso” do território não se dá de forma homogênea em toda a sua extensão, sendo, portanto, diferenciado em várias áreas por conta dos aspectos histórico-culturais, político-econômicos, dentre outros. Esta multiplicidade de condições produz paisagens<sup>3</sup> diferentes em escala local, regional, nacional e planetária.

É sabido que a análise do espaço pode ser focada em qualquer um de seus elementos e/ou fenômenos em diferentes escalas. A cidade e o urbano, discutidos pela ciência geográfica, têm sido objeto de diferentes e grande número de pesquisas nas últimas décadas. Sobre a cidade produz-se uma diversidade de estudos que vão desde a questão ambiental à discussão acerca da morfologia e do planejamento urbano, às vezes calcada na fenomenologia, até a análise das atividades comerciais e dos serviços citadinos, dentre outras questões.

Independente da forma e do que se pensa acerca da cidade, é inegável que o seu espaço é produzido atendendo aos interesses de diversas classes sociais, logo, manifesta-se na paisagem urbana diferenças sócio-espaciais que resultam num espaço dividido. Essas diferenças também estão presentes no espaço rural e podem ser observadas em determinadas regiões se comparadas a outras. Porém, é no espaço urbano, no caso do Brasil e da maioria dos países latino-americanos, que essa diferenciação é mais presente, caracterizando-se por segregar parcela

---

<sup>1</sup>Phd em Geografia pela Universidade de Sorbone e professor do Programa de Graduação e Pós-graduação da Universidade Federal da Bahia.

<sup>2</sup> Mestre em Geografia e professor da Faculdade de Tecnologia e Ciências – EaD – Salvador-BA.

<sup>3</sup> No dizer de Santos (1996, p. 83-85), a paisagem é um conjunto de formas que, num dado momento, exprime as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza. Além disso, pode ainda ser definida como um conjunto de elementos naturais e artificiais, que fisicamente caracterizam uma área, abarcados pela visão.

considerável da população urbana dos serviços que são essenciais a uma boa qualidade de vida.

Para Santos (1979, p. 15), “os componentes do espaço são os mesmos em todo o mundo e formam um *continuum* no tempo, mas variam quantitativa e qualitativamente segundo o lugar, do mesmo modo que variam as combinações entre eles e seu processo de fusão”. Daí surgem as diferenças espaciais. Ainda afirma que os objetos geográficos, de ordem natural e artificial, juntamente com a sociedade são os principais componentes ou elementos desse espaço (SANTOS, 1985). A partir dessa relação, novas configurações são produzidas no processo. No nosso entendimento, ao se referir aos componentes do espaço e a intensidade como eles se apresentam, o autor refere-se às enormes diferenças sociais e econômicas existentes nas nações subdesenvolvidas, que tem seu espaço transformado, também, a partir de interesses que estão além de suas fronteiras. A diferença de renda, sendo maior nos países pobres, produz consumidores diferentes e atividades comerciais que satisfazem essas diferenças. As feiras livres, atividade inserida no circuito inferior (CI) da economia, atendem principalmente à população de menor poder aquisitivo.

A cidade, do ponto de vista econômico, pode ser entendida como *lócus* da manifestação de sub-sistemas, o circuito inferior (CI) e o superior (CS). No trabalho aqui descrito, a discussão foi construída acerca do conceito e das características do circuito inferior da economia, presentes nas feiras livres pesquisadas. O circuito inferior entra, então, como elemento indispensável na compreensão da economia urbana em qualquer cidade e, em se tratando do nosso objeto de estudo, na economia das pequenas e médias cidades.

A organização do espaço nos países subdesenvolvidos dá-se de forma a atender aos interesses da escala mundial, que se projetam espacialmente com maior intensidade em algumas áreas que em outras. Não há uma homogeneização das atividades econômicas consideradas como modernas, pois o próprio sistema se alimenta dessas diferenciações, que são mais presentes nos países terceiro-mundistas<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup> A expressão terceiro mundo foi utilizada pela primeira vez pelo demógrafo e jornalista francês Alfred Sauvy, na revista L'Observateur, em 1952. Nesse artigo, ele comparou os atuais países subdesenvolvidos, ao Terceiro Estado da Revolução Francesa. Com o fim da Guerra Fria e a intensificação do processo de globalização, o terceiro mundo tornou-se apenas sinônimo de

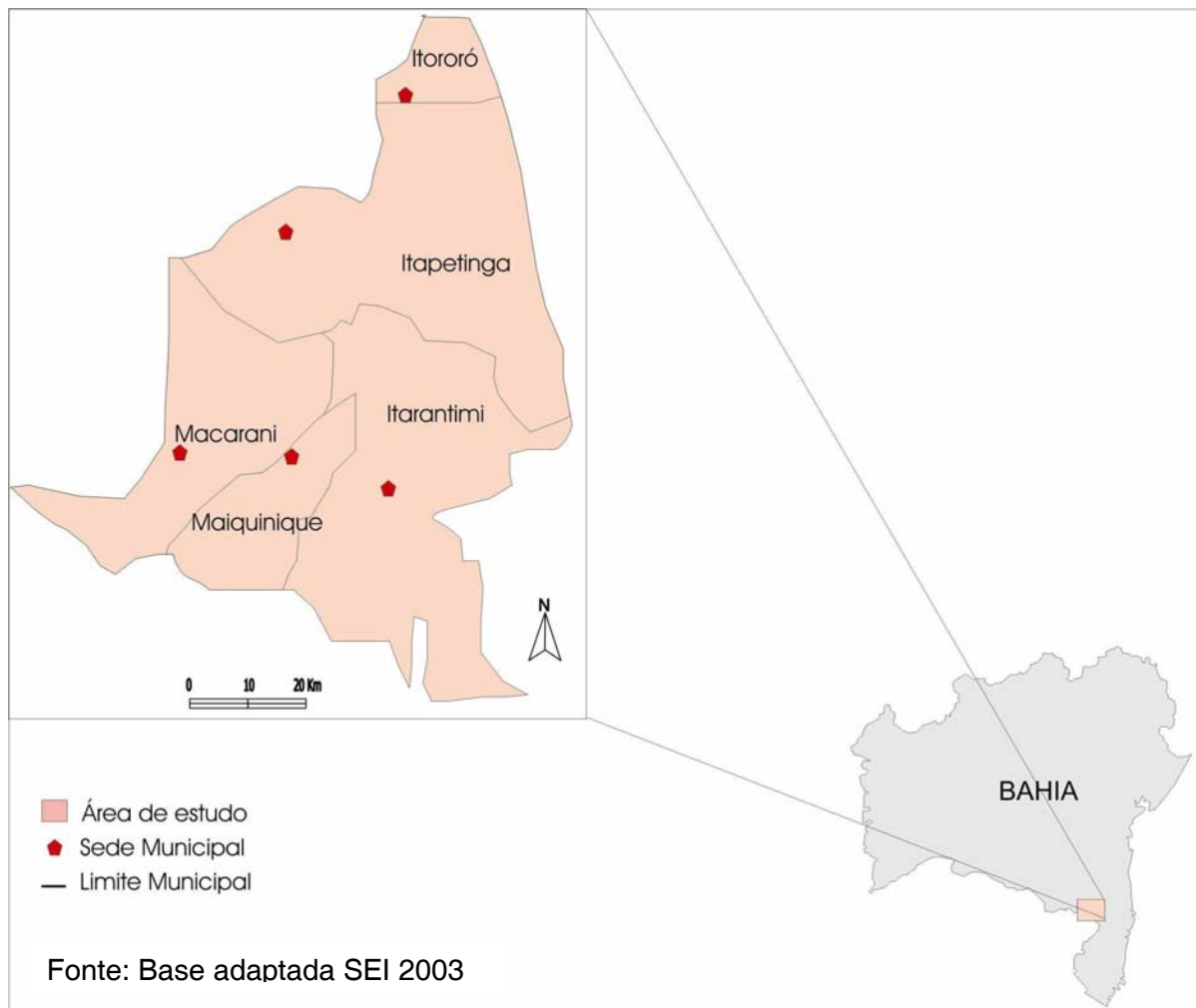


Figura 1: Localização dos Municípios integrantes da área de estudo.

Dentre as várias características desse grupo de países está a grande diferença de renda da população, que está diretamente associada à distribuição das áreas de produção e à distribuição e ao consumo de diversas mercadorias. Pessoas de classes sociais distintas tendem a fazer uso de áreas comerciais e tipos de produtos diferentes com repercussões espaciais também diferenciadas. Nesse caso, a constituição de áreas produtoras e consumidoras e a projeção no espaço de seu aparato tecnológico-financeiro respondem aos interesses dos diferentes consumidores. Sendo assim, a economia dos países, sobretudo a dos subdesenvolvidos, caracteriza-se por apresentar dois circuitos econômicos, cada um atendendo a diferentes grupos em todas as suas esferas, que marca a produção do espaço em diferentes paisagens, cada uma correspondendo a um circuito e, em alguns casos, sendo impossível distinguí-los. No primeiro caso, as características de

---

subdesenvolvimento, condição essa caracterizada pelo atraso econômico, miséria, desigualdade social, desrespeito aos direitos humanos e por apresentar baixos indicadores socioeconômicos.

cada circuito são facilmente distinguíveis uma das outras. É possível elencar várias atividades que estão inseridas em cada um desses circuitos. No caso da pesquisa desenvolvida, todo o esforço analítico e teórico foi destinado a compreender cinco feiras livres localizadas nos municípios de Maiquinique, Macarani, Itarantim, Itororó e Itapetinga (figura 1), Estado da Bahia, feiras essas, que são uma das manifestações, no espaço, do circuito inferior da economia.

Antes de uma discussão sobre a inserção da feira nos circuitos econômicos cabe defini-los. Para SANTOS (1979, p.17-18) “o circuito inferior compreende as atividades de fabricação tradicionais, como o artesanato, assim com os transportes tradicionais e a prestação de serviços” e o circuito superior (p. 31 e 67) é constituído pelas atividades comerciais, industriais e pelos serviços modernos, pelos bancos, pelo comércio atacadista e pelas atividades ligadas ao transporte.

Um desses circuitos é o resultado direto da modernização tecnológica e uma de suas características é o desenvolvimento de atividades modernas que beneficiam a poucos. O outro resulta de um mesmo processo, mas com resultados inversos, onde os indivíduos beneficiam-se parcialmente das atividades ligadas a essa modernização. É nesse sentido que o modo de produção capitalista produz regiões que dependem de outras e subsistemas que são subordinados a outros.

Essa modernização tecnológica produz transformações na estrutura do trabalho, que se reproduz diferentemente em regiões e países. Santos (1979, p. 29), ao discutir essa transformação, afirma que

[...] quanto à agricultura, ela também vê diminuir seus efetivos, ou porque é atrasada ou porque está se modernizando. Essa é uma das explicações do êxodo rural e da urbanização terciária; nas cidades dos países subdesenvolvidos, o mercado de trabalho deteriora-se e uma porcentagem elevada de pessoas não tem atividades nem rendas permanentes.

Em se tratando do recorte espacial onde a pesquisa se desenvolveu, pode-se afirmar que o aumento do desemprego está associado, principalmente, às transformações ocorridas no espaço rural sub-regional: a agricultura tradicional não se modernizou, ao contrário, tem sido substituída pelas pastagens. Boa parte dos desempregados tem sua origem na zona rural. Antes de migrarem para as cidades desenvolviam a agricultura familiar ou de subsistência, comercializando os excedentes nas feiras locais. Enquanto de um lado ocorre a diminuição do emprego na agricultura e na indústria, provocada pela modernização tecnológica, sendo essa

última mais presente nas grandes cidades, por outro lado, a força de trabalho não para de aumentar. Conseqüentemente, criam-se atividades de pequenas dimensões.

Antes da análise do circuito inferior nas feiras livres estudadas, faz-se necessário definir as características mais importantes de cada circuito. O quadro 1 apresenta essas características que foram definidas por Santos (1979, p. 34).

Quadro 1 – Características dos circuitos econômicos

Características	Circuito superior	Circuito inferior
1. Tecnologia	1. Capital intensivo	1. Trabalho intensivo
2. Organização	2. Burocrática	2. Primitiva
3. Capitais	3. Importantes	3. Reduzidos
4. Emprego	4. Reduzido	4. Volumoso
5. Assalariado	5. Dominante	5. Não-obrigatório
6. Estoques	6. Grande quantidade e/ou alta qualidade	6. Pequena quantidade, qualidade inferior
7. Preços	7. Fixos (em geral)	7. Submetidos à discussão entre comprador e vendedor ( <i>haggling</i> )
8. Crédito	8. Bancário institucional	8. Pessoal não-institucional
9. Margem de lucro	9. Reduzida por unidade, mas importante pelo volume de negócios (exceção produtos de luxo)	9. Elevada por unidade, mas pequena em relação ao volume de negócios
10. Relações com a clientela	10. Impessoais e/ou com papéis	10. Diretas, personalizadas
11. Custos fixos	11. Importantes	11. Desprezíveis
12. Publicidade	12. Necessária	12. Nula
13. Reutilização dos bens	13. Nula	13. Freqüente
14. <i>Overhead capital</i>	14. Indispensável	14. Dispensável
15. Ajuda governamental	15. Importante	15. Nula ou quase nula
16. Dependência direta do exterior	16. Grande, atividade voltada para o exterior	16. Reduzida ou nula

Fonte: Santos (1979, p. 34). Adaptado.

Enquanto no circuito superior a organização do trabalho é burocrática, no inferior e, no caso das feiras livres, ela se dá de forma não oficial. No caso do primeiro, existe todo o cumprimento de etapas para a abertura do empreendimento, etapas essas que vão desde a liberação da Receita Federal para o funcionamento do estabelecimento à taxaço de diferentes impostos. Nas feiras livres, os vendedores organizam-se desprovidos de fiscalização, pois, dentre outras características, não há um controle rígido de quem pode ou não, ali, comercializar

seus produtos. Nas cinco sedes municipais onde a pesquisa foi desenvolvida o poder público municipal destina um sub-espço da feira ou do mercado central para que a população rural comercialize o excedente da produção. Esses agricultores-feirantes espalham lonas sobre o chão ou outros tipos de suporte para que seus produtos sejam comercializados. Os que utilizam barracas também o fazem de forma simples, rudimentar, no sentido de que nem sempre se apropriam de máquinas calculadoras ou fichários e suas respectivas atividades não estão cadastradas em nenhum órgão estadual ou federal.

Tabela 1 – Municípios da Área de Estudo – BA  
Transporte usado para condução de produtos à feira (%) – 2004

Meio de transporte	Feiras									
	Maiquinique		Macarani		Itarantim		Itororó		Itapetinga	
	VA	VR	VA	VR	VA	VR	VA	VR	VA	VR
Caminhão	12	34	9	35	12	43	18	58	26	70
Carroça	7	21	1	4	4	14	-	-	-	-
Animal	5	14	3	11	2	7	4	13	-	-
Ônibus	6	17	7	27	9	32	3	10	9	24
Carro pequeno	3	9	3	11,5	-	-	4	13	2	6
Outros	2	5	3	11,5	1	4	2	6	-	-
Total	35	100	26	100	28	100	31	100	37	100

Fonte: Pesquisa de campo, janeiro – 2004.

VA – Valor Absoluto

VR – Valor Relativo

Um comportamento que caracteriza essas feiras é a negligência por parte dos órgãos públicos municipais que não fazem fiscalização sanitária e não administram adequadamente os pontos de venda. Se por um lado, esse abandono contribui para que a feira não receba os cuidados que lhe são necessários, enquanto bem coletivo, por outro, favorece a todos que, sem empecilhos, comercializam seus produtos. Em todas elas, exceto em Itapetinga, não há empecilhos para que qualquer cidadão passe a comercializar qualquer produto. No caso dos boxes, o candidato inscreve-se na secretaria municipal responsável, geralmente a Secretaria de Serviços Públicos, e aguarda a “vacância” dos mesmos. Quando isso acontece, apropria-se do box até que não deseje mais utilizá-lo. No caso dos que desejam vender em lonas, nenhuma inscrição é necessária, basta chegar aos sábados, estendê-las sobre o chão (figura 2), e ali estabelecer um pondo de venda provisório. Além disso, o transporte das mercadorias geralmente é feito em caminhões, animais e em alguns casos nas costas dos próprios vendedores como se observa na tabela 1. Sendo assim, a forma

como essas feiras se organizam possibilita enquadrá-las como parte integrante do circuito inferior da economia, uma vez que seu comportamento apresenta elementos “primitivos”, se comparado ao das lojas integrantes do circuito superior.



Figura 2: Em Itapetinga, assim como nas demais feiras livres estudadas, vender produtos em lona é um prática comum entre os feirantes-comerciantes.

Como afirmado acima, um elemento que caracteriza o caráter primitivo na organização do circuito inferior é o tipo de meio utilizado para transportar as mercadorias dos locais onde são produzidas ou compradas para onde são comercializadas, nesse caso as feiras livres. Se esses meios são mais “rústicos”, sua utilização pode caracterizar uma marca do circuito marginal. Mais de 34% dos comerciantes fazem uso dos caminhões para transportarem suas mercadorias até à feira. A maioria desses é aberto e serve para o transporte de carnes, cereais, legumes e frutas.

Em Itapetinga, parte desses caminhões é fechada, nesse caso o “baú”, que é utilizado para o transporte da carne do matadouro-frigorífico municipal até à feira. Um dos meios de transporte mais primitivos e que ainda se usa para levar as mercadorias à feira é a carroça. 21%, 4% e 14% dos donos de pontos de venda, respectivamente das feiras de Maiquinique, Macarani e Itarantim, fazem uso desse veículo para que seus produtos cheguem aos feirenses. Todos aqueles que o utilizam são moradores da zona rural, que comercializam o excedente da produção nessas feiras. O ônibus também foi mencionado nas entrevistas e é utilizado principalmente pelos vendedores de produtos importados do Paraguai e pelos que

comerciam roupas. Entre 10% e 32% dos feirantes-comerciantes o utilizam como meio de transporte de mercadorias. Os outros mencionados na tabela correspondem ao carro de mão, à motocicleta, ao próprio homem, dentre outros. A tabela 1 mostra um certo equilíbrio entre as escolhas dos meios de transporte utilizados pelos que vendem na feira. O uso do caminhão pode se dar tanto pelos que estão inseridos no circuito superior ou no CI. Afirma-se não haver um limite rígido acerca desse meio entre os dois circuitos, ou então é também nesse sentido que o CI depende do CS, utilizando-se de alguns dos elementos desse último. No caso da presença de carroças, carros de mão, motocicletas e até os ombros do carregador, trata-se, sem dúvida, de um comportamento do circuito inferior.

Tabela 2 – Municípios da Área de Estudo - BA  
Comerciantes: investimento anual em capital – 2004

Investimento (R\$)	Municípios									
	Maiquinique		Macarani		Itarantim		Itororó		Itapetinga	
	VA	VR	VA	VR	VA	VR	VA	VR	VA	VR
Até 100	3	9	1	4	2	7	-	-	-	-
Entre 101,00 – 500,00	7	19	4	16	6	21	4	13	1	3
Entre 501,00 – 1.000,00	3	9	2	8	-	-	5	17	1	3
Entre 1.001,00 – 5.000,00	14	30	5	19	8	29	8	25	10	27
Entre 5.001,00 – 10.000,00	3	9	5	19	3	11	2	6	5	13
Mais de 10.000,00	-	10	2	8	4	14	9	29	18	49
Não sabe	5	14	7	26	5	18	3	10	2	5
Total	35	100	26	100	28	100	31	100	37	100

Fonte: Pesquisa de campo, janeiro-setembro – 2004.

VA – Valor Absoluto

VR – Valor Relativo

A análise de um segundo comportamento, nesse caso, o valor de capital empregado para manter o funcionamento da atividade comercial, possibilitou identificar o montante de dinheiro empregado pelos comerciantes para o funcionamento dos seus pontos de venda. Segundo Santos (1979, p. 34), no CS o valor de capital empregado para o funcionamento da atividade comercial é importante, nesse caso, destina-se valores altos para seu funcionamento. No CI esse valor é reduzido. A tabela 2 descreve o investimento que os feirantes-comerciantes empregam em seus negócios anualmente. Em média, mais de 52% dos feirantes-comerciantes investem até R\$ 5.000,00 nas 5 feiras estudadas. Itapetinga apresenta-se como o único município onde apenas 34% de seus feirantes



investem até esse valor e 62% deles mais de R\$ 5.001,00. É importante ressaltar que foi incluso nesse total o valor das despesas com pagamento de “funcionários”, com transporte, manutenção e reforma do local de venda (usuários de boxes) e, em alguns casos, com a compra de mercadorias.

A análise dos dados da tabela 2 reforçou o propósito de inclusão das feiras no circuito inferior da economia, visto que o valor reduzido do capital, empregado para a manutenção de seus respectivos negócios, apresenta-se como mais uma característica desse circuito.

O circuito inferior da economia caracteriza-se por apresentar uma grande oferta de empregos se totalizada a quantidade de estabelecimentos ou unidades de produção, porém, nesse circuito, cada indústria ou ponto de venda oferece um número reduzido de empregos, embora seja difícil defini-los, pois compreendem tanto o trabalho mal remunerado como o trabalho temporário e instável (Santos 1976). No caso dos dois circuitos econômicos, sabe-se que há diferenças tanto na quantidade de empregados que cada um absorve, como nas duas definições acima. No CS o número de pessoas absorvidas por suas instituições geralmente é baixo e o trabalho tende a ser bem remunerado, enquanto o CI retém maior número de indivíduos e o emprego é mal remunerado, sendo geralmente temporário e instável. No primeiro caso, as relações trabalhistas entre patrão e empregado se estabelecem mediante o uso da carteira assinada, seguindo-se a legislação trabalhista. Quanto às relações no CI elas resultam quase sempre de um contrato pessoal estabelecido entre as partes, onde se dá grande importância ao trabalho familiar, diferentemente do setor formal, onde a presença dos membros da família nos estabelecimentos é insignificante. A tabela 3 caracteriza o perfil do comerciante das cinco feiras livres pesquisadas no tocante à existência ou não de empregados em seus pontos de venda e aos vínculos existentes entre eles, nesse caso entre o “dono” do comércio e o “contratado”.

Em todas as feiras a porcentagem de comerciantes que são os donos dos pontos de venda é significativa. Mais de 90% dos entrevistados trabalham por conta própria, excetuando-se apenas a feira de Macarani, onde 85% dos consultados apresentam-se como proprietários do local de venda. Portanto esse quadro se constitui em mais um motivo para a compreensão da feira a partir do circuito inferior da economia, que possui, dentre outras características, o fato de os locais de venda

pertencerem aos próprios comerciantes. Outra característica presente na tabela 3 e que fortalece esta idéia é o fato de que em todas as feiras a quantidade de feirantes que apenas têm os membros da família como ajudantes nos serviços é significativa. Santos (1976, p. 172) afirma que a utilização de membros da família nas atividades comerciais substitui o trabalho assalariado, que obrigaria o comerciante a pagar encargos sociais e impostos, o que poderia inviabilizar uma atividade onde a demanda é flutuante. Alguns fatores determinam essa demanda flutuante pelos produtos da feira. Dentre esses pode-se citar o calendário agrícola, o calendário das festas locais, as estações do ano, o período de pagamento das prefeituras locais e a data de pagamento aos aposentados, dentre outros fatores.

Tabela 3 – Municípios da Área de Estudo - BA

Relações de trabalho	Maiquinique		Macarani		Itarantim		Itororó		Itapetinga	
	VA	VR	VA	VR	VA	VR	VA	VR	VA	VR
Próprio/sozinho	12	35	12	43	12	43	10	32	15	41
Próprio/família	13	37	7	30	9	32	16	52	13	35
Próprio c/outros	8	28	3	12	6	21	3	9	7	19
Para terceiros	-	-	4	15	1	4	2	7	2	5
Total	35	100	26	100	28	100	31	100	37	100

Fonte: Pesquisa de campo, janeiro – 2004.

VA – Valor Absoluto

VR – Valor Relativo

A escolha de familiares para o auxílio nas atividades feirenses possibilita ao feirante manter o seu ponto de venda de forma que não tenha prejuízos e que o lucro obtido possibilite a sobrevivência dele e de sua família. Como mostra a tabela 3, cerca de 38% dos “donos” de estabelecimentos trabalham com a colaboração de familiares, tomando-se a média das 5 feiras estudadas. No caso da feira livre de Itororó, cerca de 52% dos comerciantes têm a presença do trabalho familiar em seus locais de venda. Se a utilização do trabalho familiar é uma característica importante no desenvolvimento do circuito inferior, as feiras, por possuírem parte de seus comerciantes que se utilizam dos membros da família no trabalho semanal, também são passíveis de serem entendidas como parte do circuito marginal.

No que se refere ao estoque, as lojas dos dois circuitos apresentam comportamentos diferentes. Santos (1979, p. 34) afirma que no circuito superior ele

se caracteriza por apresentar grande quantidade e/ou alta qualidade de/das mercadorias. Já no circuito inferior, o volume estocado é pequeno e elas possuem qualidade inferior se comparadas às do circuito maior. A razão do menor estoque no CI deve ser procurada no consumo e no fracionamento do mesmo pelo cliente além de o comerciante não dispor de condições que o possibilitem estocar produtos perecíveis e não-perecíveis, adquirindo-os sempre em pequena quantidade. No caso das feiras, o estoque para a maior parte dos produtos é sempre baixo, pois a maioria dos feirantes compra a quantidade a ser vendida por conta da precariedade em que suas atividades são desenvolvidas. É o caso dos “donos” dos pontos que vendem hortifruteiros (figura 3), carnes e derivados, que não dispõem dessas condições acima mencionadas. Quanto àqueles que comercializam cereais, roupas e importados, estocar mercadorias é uma prática mais comum, já que o produto não perde a qualidade ao longo do tempo. No caso dos que vendem o que produzem, os feirantes rurais, a possibilidade de “acumular” é nula, pois à medida que se dá a colheita ou a produção de determinado bem, dá-se também a venda do mesmo na feira. No caso dos feirantes que fazem uso dessa prática, o volume estocado é pequeno, pois não dispõem de locais para guardar as mercadorias. Geralmente elas ficam em caixotes dispostos na própria barraca esperando para serem comercializados.



Figura 3: A inexistência de infra-estrutura adequada impossibilita o estoque de muitos produtos comercializados na feira, dentre esses os hortifruteiros.

No circuito superior os preços são geralmente fixos. No caso do circuito inferior, Santos (1979, p. 194) afirma que os preços dependem das condições em que o comerciante é abastecido e das formas de relações estabelecidas com sua clientela. O comprador quase sempre se utiliza do recurso de regatear, pechinchar, prática essa entendida aqui a partir da definição de Santos (p.196) como a discussão que se estabelece entre o comprador e o vendedor sobre o preço de uma mercadoria, constituindo-se como um dos aspectos mais característicos da formação dos preços no circuito inferior. No caso das feiras livres, o valor dos produtos depende muito das relações que se estabelecem entre o comprador e o vendedor. O fato de a maioria dos consumidores afirmar que o preço dos produtos na feira é mais baixo que nos mercados é um indicativo de que o comportamento do mesmo é mutável e pode, após a pechincha, baixar. Essa possibilidade acaba construindo no imaginário popular a idéia de que, na feira livre, os preços são mais baixos. A tabela 4 revela o comportamento dos consumidores que afirmam ser os produtos feirenses de menor valor que aqueles encontrados em outros estabelecimentos.

Tabela 4 – Municípios da Área de Estudo - BA

Consumidores: preço mais acessível dos produtos (%) – 2004

Respostas	Municípios				
	Maiquinique	Macarani	Itarantim	Itororó	Itapetinga
Sim	61	52	58	63	76
Não	23	31	29	16	6
Depende do produto	12	11	10	16	11
Não sabe	4	6	3	5	7

Fonte: Pesquisa de campo, janeiro – 2004.

Mais da metade dos consumidores afirmou ser o preço dos produtos vendidos na feira mais baixo que os comercializados nos mercados. No caso da feira de Itapetinga 76% dos consumidores afirmaram que os preços dos mercados são mais altos que os produtos encontrados na mesma.

Para Santos (p. 195) a escala do tempo não é a mesma nos dois circuitos econômicos. Isso explica as diferenças de preço de um mesmo produto numa mesma rua e até mesmo numa mesma feira. Essa lógica interna no circuito inferior é baseada, sobretudo, no tempo. Guardar uma mercadoria ao invés de vendê-la a um

preço baixo pode representar maior prejuízo. A falta de lucro é compensada pela recuperação do dinheiro líquido que será utilizado na compra de nova mercadoria. Imagine o vendedor de frutas e legumes que não dispõe de refrigerador para conservar o produto para que seja vendido no dia seguinte ou no sábado seguinte. Por conta desse complicador, os preços de determinados produtos variam de comerciante para comerciante. Essa variação se dá, sobretudo, para os que vendem legumes frutas e verduras. Os feirantes-produtores rurais são obrigados a baixar o preço do produto quando o final da feira se aproxima, pois precisam comprar os bens que não produzem, para a sua subsistência, além de ser trabalhoso voltar para as suas propriedades com produtos perecíveis como cachos de banana, alface, coentro, dentre outros.

Tabela 5 – Municípios da Área de Estudo - BA  
Comerciantes: renda semanal – 2004

Renda	Municípios									
	Maiquinique		Macarani		Itarantim		Itororó		Itapetinga	
	VA	VR	VA	VR	VA	VR	VA	VR	VA	VR
Até meio salário mínimo	21	60	17	66	12	43	17	54	17	46
Entre meio e 1 salário mínimo	9	26	5	19	9	32	6	19	11	30
Entre 1 e 2 salários mínimos	4	11	3	12	5	18	4	14	8	22
Entre 3 e 4 salários mínimos	1	3	-	-	2	7	4	13	1	2
Entre 5 e 7 salários mínimos	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Não sabe	-	-	1	3	-	-	-	-	-	-
Total	35	100	26	100	28	100	31	100	37	100

Fonte: Pesquisa de campo, janeiro – 2004.

VA – Valor Absoluto

VR – Valor Relativo

Quanto à questão do lucro, Santos (p. 194) chama atenção para o fato de que não se deve confundir lucro global com lucro unitário. Segundo ele, no circuito superior, o montante de lucro é alto, enquanto é baixo por unidade vendida, no circuito inferior, dá-se o contrário, o montante de lucro obtido pelas vendas é baixo e é alto por unidade comercializada. O vendedor de rua tem menor lucro global pelo fato de seu comércio ser mais aleatório, pelo fato de ter uma clientela menor e pelo fato de ele poder passar dias sem “ganhar nada”. De certa forma essas características o obrigam a aumentar o preço das mercadorias que vende. Enquanto no circuito superior, a obtenção ou não do lucro determinará a continuação do negócio, no circuito inferior, essa não é a primeira preocupação. O lucro adquirido

destina-se à sobrevivência, nesse caso, o principal objetivo é assegurar a vida imediata. O comportamento do circuito inferior no que se refere aos lucros obtidos pode ser observado nas feiras livres estudadas. O lucro alto por unidade vendida se dá por conta dessas e de outras condições: o comércio aleatório, uma menor clientela, a inexpressiva comercialização de produtos durante a semana e a indisponibilidade de técnicas de armazenamento e de sistemas de distribuição mais evoluídos, como ocorre no CS. Isso obriga os feirantes-comerciantes a aumentarem o valor do produto nos dias de feira, de forma a compensar a não vendagem e/ou o baixo número de venda nos dias em que a feira não ocorre. Mesmo aquelas que duram mais de um dia, como as feiras de Itororó e de Itapetinga, que começam, mesmo com menor movimento, nas sextas à tarde, essa prática é um procedimento utilizado por seus vendedores.

A tabela 5 mostra o montante do lucro dos comerciantes obtido semanalmente nas feiras onde a pesquisa se desenvolveu. Os dados mostram que cerca de 53,8% dos entrevistados afirmaram que têm lucro semanal de até meio salário mínimo, tomando-se a percentagem média das 5 feiras estudadas. Quanto àqueles que recebem semanalmente, entre meio e um salário, correspondem a cerca de 25,2% dos entrevistados, considerando-se a percentagem média para as cinco feiras. Somando-se a porcentagem do primeiro grupo com a do segundo chega-se à seguinte conclusão: cerca de 79% dos feirantes-comerciantes das feiras municipais recebem semanalmente, correspondendo ao lucro global, até um salário mínimo. No caso dos feirantes de Maiquinique e Macarani esse valor sobe respectivamente para 86% e 85% respectivamente. Os dados obtidos sobre a distribuição da renda global por feirante mostram mais uma característica do circuito inferior presente na produção das feiras livres: o total do lucro obtido pelo comerciante na venda dos produtos é baixo, porém, existe uma variação do mesmo a depender do tipo de produto que se comercializa, do investimento material e de capital que se emprega e do montante de produto comercializado. Em Maiquinique, os feirantes-comerciantes de confecções são os que obtêm maior lucro se comparados aos vendedores dos demais produtos. Em Macarani, os que vendem carne e produtos hortifrutíferos em barracas são os que estão nessa condição, já aqueles que comercializam esses últimos produtos em lonas sobre o chão, têm os menores lucros. Os feirantes-comerciantes de carne e de confecções são os que têm maior lucratividade na feira de Itarantim. Em Itororó e em Itapetinga beneficiam-

se mais os que vendem carne e produtos hortifrutíferos em barracas. Nas feiras destes três últimos municípios, Itarantim, Itororó e Itapetinga, segundo informações obtidas em campo, não existe um único produto que produza menor lucro ao feirante-comerciante. Os que comercializam os demais produtos informaram que, semanalmente, obtêm menos de meio salário mínimo e outros ainda, obtêm um salário mínimo como lucro. A variação existente entre comerciantes de um mesmo produto e entre comerciantes de produtos variados se dá, dentre outros fatores, pelo investimento desigual feito pelo feirante-comerciante em seu empreendimento, o que também implica numa maior ou menor quantidade de produtos comprados a serem revendidos. Sendo assim, quem investe mais capital em seu negócio, comprando barraca, diversificando produtos e aumentando o montante a ser comercializado obtêm maior lucro, os que não se comportam assim, estão no grupo daqueles que recebem menor lucro. Percebeu-se ainda que os feirantes comerciantes de origem rural estão no grupo dos que lucram até meio salário mínimo por semana, ao contrário do que acontece na maioria dos municípios onde os que comercializam carne estão no grupo dos que obtêm maior lucro (figura 4).



Figura 4: Em Itapetinga, os feirantes-comerciantes de carne estão no grupo dos que obtêm maior lucro com a comercialização do produto.

Um outro aspecto característico do circuito inferior é a forma como se dá a relação entre os que vendem e os que compram na feira. Essa relação caracteriza-se por ser a menos impessoal possível. Além de se comprar em determinado ponto de venda o consumidor conversa, discute com o comerciante sobre o produto e o preço, e a conversa quase sempre extrapola para questões outras, ligadas aos fatos

locais e à relação estabelecida entre as pessoas. Nos municípios que apresentam menor população esse tipo de comportamento é parte integrante do acontecer semanal da feira.

Quanto à publicidade, ela é uma característica presente, sobretudo, no circuito superior. Segundo Santos (1979, p.36), ela é responsável pela maior parte dos negócios nele desenvolvidos. Essa característica é praticamente nula no circuito inferior, pois não há montante de capital suficiente para investir nesse tipo de estratégia, uma vez que o lucro obtido é para a sobrevivência da família. Ao invés da propaganda, o contato estabelecido socialmente entre o feirante vendedor e o feirante consumidor garante a venda dos produtos e uma clientela quase sempre fixa.

Tabela 6 – Municípios da Área de Estudo - BA  
Atividades econômicas desenvolvidas pelos comerciantes dentro e fora da feira – 2004

Municípios	Trabalham apenas na feira (%)	Trabalham em outras atividades (%)				Total
		Provisórias	Permanentes			
			Agropecuária	Comércio	Outras	
Maiquinique	37	6	12	25	20	100
Macarani	61	4	16	11	8	100
Itarantim	57	7	21	-	15	100
Itororó	45	3	22	16	14	100
Itapetinga	56	-	8	19	17	100

Fonte: Pesquisa de campo, janeiro – 2004.

No circuito inferior, o comerciante assume diferentes funções (Santos, 1979), para que seu estabelecimento funcione adequadamente, de acordo com as peculiaridades desse circuito. Em relação aos comerciantes das cinco feiras, todos afirmaram que compram e vendem as mercadorias e também se ocupam com a administração do local de venda. Além disso, muitos disseram transportar os produtos comprados ou produzidos; os que assim não o fazem pagam a terceiros para fazê-lo. Ainda existem aqueles que se dedicam a diferentes funções durante a semana. A tabela 6 esclarece essa multifuncionalidade dos feirantes-comerciantes das feiras estudadas. Considerando-se a percentagem média para as cinco feiras, 51,2% deles afirmaram dedicar-se apenas ao trabalho feirense. A feira de Macarani é a que concentra mais comerciantes com esse perfil, 61% dos mesmos. A feira de Maiquinique é aquela que possui menos comerciantes que se dedicam apenas à venda na feira, são 37% dos feirantes. Cerca de 48% dos vendedores afirmaram



que se dedicam a outras atividades durante a semana. Desses 48 %, muitos estão em serviços provisórios, como diaristas. Outros se dedicam à agropecuária. Nesse grupo estão àqueles que residem na zona rural e comercializam na feira o que produzem.

O comportamento dos dados acima permite entender a existência de outras características do circuito inferior que estão presentes no desenvolvimento das feiras livres. Os baixos salários constituem uma razão que impulsiona muitos trabalhadores a tentarem, nas atividades feirenses, conseguir um aumento de sua renda. O fato de os vendedores chamarem para si diferentes funções inerentes ao funcionamento de suas atividades comerciais indica que os mesmos não têm recursos suficientes para terceirizar essas funções ou etapas. Essas características, dentre outras, são uma marca do circuito inferior nas feiras livres.

Tabela 7 – Municípios da Área de Estudo - BA  
Urbanização – Feirantes produtores – 2004

Municípios	Taxa de urbanização (%) <sup>1</sup>	Feirantes produtores (%) <sup>2</sup>
Maiquinique	71,09	17
Macarani	73,45	19
Itarantim	76,58	18
Itororó	83,98	13
Itapetinga	95,25	4
Média	80,02	14,2

Fontes: 1) SEI, 2000 / IBGE - 2000.

2) Pesquisa de campo, janeiro-setembro – 2004.

Santos (1979, págs. 68 e 69) afirma que os produtos que abastecem o comércio alimentício do circuito superior têm sua origem em áreas exteriores à cidade e à região. No caso do comércio no circuito inferior, as fontes de abastecimento são principalmente locais. Embora sejam os produtos comercializados na feira principalmente de origem externa aos municípios, parte significativa deles, como carnes, frutas, verduras e derivados têm sua origem nos respectivos municípios onde as cinco feiras acontecem (figura 5).

Santos (1979, p.177), discutindo acerca da produção de alimentos, afirma que as relações diretas entre o produtor rural e o consumidor tendem a desaparecer com a urbanização e em função do tamanho da cidade. Nos municípios onde há menores taxas de urbanização ainda se encontra nas feiras um número significativo de comerciantes que vendem o que produzem. A tabela 7 possibilita compreender melhor esse comportamento. No grupo dos municípios estudados, Maiquinique é

aquele que apresenta menor taxa de urbanização, logo, o fato de possuir uma expressiva população no campo, se compara a dos outros municípios, determina que sua feira livre possua uma percentagem relativamente alta, 17%, de feirantes produtores. Em Itapetinga, onde a taxa de urbanização é de 95,25%, existem menos feirantes-comerciantes produtores. Apenas 4% do entrevistados moram no campo.

Em todos os municípios, onde as feiras estudadas estão inseridas, as taxas de urbanização são altas. Como esclarece a tabela 7, em relação aos vendedores das feiras, cerca de 14% deles produzem a mercadoria comercializada, exceto em Itapetinga, onde apenas 4% dos feirantes são produtores. Essa peculiaridade da feira de Itapetinga é uma resposta à alta taxa de urbanização que possui. Como afirma Santos, em municípios onde a maioria da população habita o espaço citadino, os produtos que abastecem o comércio, e nesse caso a feira, têm a sua origem, principalmente, em áreas distantes. Pode-se dizer que à medida que a taxa de urbanização aumenta o número de feirantes produtores tende a diminuir.



Figura 5: Produtos originários da Agrovila, uma das localidades rurais que abastece a feira livre de Itarantim.

O ingresso nas atividades do circuito inferior aparece como possibilidade de adquirir o mínimo para a sobrevivência. Esse circuito torna-se então uma estrutura de abrigo para muitos citadinos novos e até mesmo antigos que geralmente são desprovidos de capital e qualificação (Santos 1979).

O presente trabalho propôs analisar a produção desse fenômeno sob a ótica da teoria dos dois circuitos econômicos de Milton Santos. O entendimento de que a

feira livre se constitui numa manifestação do circuito inferior foi uma das premissas indispensáveis para a possibilidade do desenvolvimento da pesquisa. Percebeu-se que a maioria das características do circuito inferior, apresentadas por Santos, está presente no “dia-a-dia” das feiras. Dentre essas se pode citar o caráter simples em que se dá a venda dos produtos, o baixo investimento em capital no funcionamento dos pontos de venda, a presença considerável de familiares trabalhando nesse processo, baixo estoque de produtos para a comercialização, o não-uso de empréstimos para investimento no próprio negócio, dentre outros. Durante a análise das informações obtidas percebeu-se que algumas das características desse circuito, mencionadas por Santos, não foram identificadas. Dentre essas se pode citar a venda a crédito, a predominância de mulheres no desenvolvimento da atividade comercial e a presença de vários intermediários entre o produtor e o consumidor, dentre outras.

Sendo assim, ao contrário do que Milton Santos postulou, na feira livre a venda a crédito praticamente não existe, os homens são maioria na função de feirantes-comerciantes e parte significativa das mercadorias comercializadas no espaço da feira não passa pelas mãos de intermediários. Muitos anos se passaram desde que essa teoria foi construída. Daquele momento até os dias atuais a sociedade vem mudando com rapidez exigindo que qualquer teoria nas Ciências Humanas, criada num tempo distante, seja retomada e revisada no intuito de explicar os fenômenos na atualidade, cuja produção se dá no seio de uma sociedade que se transforma cada vez mais rápido. O fato de alguns aspectos do CI não se manifestarem no “acontecer” das feiras livres estudadas reforça a importância dessa teoria, que além de explicar outras manifestações do CI, pode ser utilizada para a compreensão de um fenômeno que tem seu lugar no cotidiano de milhares de pessoas de cidades interioranas e de capitais do mundo subdesenvolvido.

Por esses e outros motivos, é que a feira livre precisa continuar sendo objeto de pesquisa e de estudo para os cientistas sociais, pois, ao refletirem o movimento dos grupos sociais, podem ser estudadas para a compreensão da sociedade, para a compreensão do espaço geográfico, para a compreensão da vida nossa de cada dia.

## Referências bibliográficas

ANDRADE, Manuel Correia de. 1982. Áreas de domínio da pecuária extensiva e semi-intensiva na Bahia e norte de Minas. Recife, SUDENE – Coord. Planej. Regional.

BROMLEY, R.J. 1980. Os mercados periódicos dos países em desenvolvimento; uma revisão crítica. Revista Brasileira de Geografia. Rio de Janeiro, IBGE, 42(3), p. 646-57, jul. /set..

BROMLEY, R.J.; SYMANSKI, R.; GOOD, C.M. 1980. Análise racional dos mercados periódicos. Revista Brasileira de Geografia. Rio de Janeiro, IBGE, 42(1), p. 183-94, jan./mar..

CORRÊA, Roberto Lobato. 1989. A rede urbana. São Paulo: Ática.

\_\_\_\_\_. 1995. “A dimensão cultural do espaço: alguns temas”. Espaço e Cultura. Rio de Janeiro: Nepec, outubro.

\_\_\_\_\_. 1997. Trajetórias geográficas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

HASSEGAWA, Welliton Rezende. 1992. A Crise da Economia Pecuária Bovino-Extensiva da Micro-Região Pastoril de Itapetinga: Subordinação, conflito e Mudanças nas Relações de Produção nos últimos 30 anos. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal da Bahia – UFBA, Cruz das Almas.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 2000. Censo Demográfico 2000. IBGE.

JESUS, Gilmar Mascarenhas de. 1992. O lugar da feira livre na grande cidade capitalista: Rio de Janeiro, 1964-1989. Revista Brasileira de Geografia. Rio de Janeiro. IBGE, 54 (1), p. 95-120, jan. /mar..

OLIVEIRA, Nelma Gusmão de. 2003. De “capital da pecuária” ao “sonho de pólo calçadista”: A constituição da estrutura urbana de Itapetinga, BA. (Dissertação de Mestrado) - Faculdade de Arquitetura – UFBA, Salvador.

SANTOS, Jânio & SERPA, Ângelo. 2001. A produção espacial do comércio e serviços nas periferias urbanas: um estudo de caso em Salvador – in Geosp: Espaço e Tempo, n. 8 – São Paulo: USP. p. 45-65.

SANTOS, Milton. 1978. Por uma Geografia nova: Da crítica da Geografia a uma Geografia crítica. São Paulo: Hucitec.

\_\_\_\_\_. 1979. O espaço dividido: os dois circuitos da economia dos países subdesenvolvidos - Rio de Janeiro: F. Alves.

\_\_\_\_\_. 1985. Espaço e Método. São Paulo: Nobel.